

Amor Em Cartas

A hand holds a dried rose stem with a single flower head and a small bud. The stem is positioned in front of a handwritten letter. The letter is written on two sheets of paper, one light-colored and one darker. The handwriting is in cursive and appears to be in Portuguese. The background is dark and out of focus.

MARIANE OLIVEIRA

- AVISO LEGAL E DIREITOS AUTORAIS

ESTE CONTEÚDO FOI IDEALIZADO E DESENVOLVIDO PELA AUTORA MARIANE OLIVEIRA E ENCONTRA-SE PROTEGIDO PELAS LEIS DE DIREITOS AUTORAIS. É EXPRESSAMENTE PROIBIDA A CÓPIA, REPRODUÇÃO, DISTRIBUIÇÃO, VENDA OU QUALQUER FORMA DE COMERCIALIZAÇÃO DESTE MATERIAL SEM AUTORIZAÇÃO PRÉVIA E POR ESCRITO DA AUTORA. TODAS AS INFORMAÇÕES, MÉTODOS, EXEMPLOS E ORIENTAÇÕES AQUI APRESENTADOS SÃO FRUTO DE SUA MENTORIA, COM APOIO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL APENAS PARA REVISÃO E MELHORIA TEXTUAL, POR MEIO DA PLATAFORMA DE SITES WEBNODE. AO ACESSAR ESTE CONTEÚDO, VOCÊ DECLARA ESTAR CIENTE DE QUE QUALQUER USO INDEVIDO PODERÁ RESULTAR EM MEDIDAS LEGAIS CABÍVEIS, PRESERVANDO A INTEGRIDADE E ORIGINALIDADE DO TRABALHO DA AUTORA. AS IMAGENS DE FOTOS FORAM SELECIONADAS NA PLATAFORMA DE DESIGN GRÁFICO [CANVA.COM](https://www.canva.com), APENAS PARA FINS ILUSTRATIVOS. AS PESSOAS MOSTRADAS NAS IMAGENS NÃO SÃO MODELOS.

BEM-VINDO A AMOR EM CARTAS, UM
MINI ROMANCE QUE CELEBRA A
DELICADEZA DOS SENTIMENTOS
ESCRITOS À MÃO. EM TEMPOS DE
MENSAGENS INSTANTÂNEAS, ESTE
EBOOK CONVIDA VOCÊ A DESACELERAR
E ACOMPANHAR DUAS ALMAS QUE SE
DESCOBREM, SE PERDEM E SE
REENCONTRAM POR MEIO DE PALAVRAS
CUIDADOSAMENTE ESCOLHIDAS. CADA
CARTA É UM FRAGMENTO DE MEMÓRIA,
UM SEGREDO SUSSURRADO NO PAPEL,
UM PASSO A MAIS RUMO À CORAGEM DE
AMAR.



ELA COMEÇOU COM UM ENVELOPE
ESQUECIDO NA CAIXA DE CORREIO DO
PRÉDIO, SEM REMETENTE, APENAS UM
NOME ESCRITO COM LETRA TRÊMULA:
CLARA. CURIOSA, ELA QUASE DEVOLVEU
A CARTA, MAS ALGO NA DELICADEZA DO
TRAÇO A FEZ ABRIR O PAPEL COM
CUIDADO. LÁ DENTRO, ENCONTROU
PALAVRAS QUE NÃO PARECIAM
DESTINADAS A ELA, MAS QUE, DE ALGUM
MODO, A ALCANÇAVAM
PROFUNDAMENTE: ALGUÉM DESCREVIA O
PÔR DO SOL VISTO DA JANELA DE UM
QUARTO SOLITÁRIO, O CHEIRO DE CAFÉ
RECÉM-PASSADO E A SAUDADE DE UM
AMOR QUE AINDA NÃO TINHA ROSTO.

CLARA LEU E RELEU AQUELAS LINHAS, SENTINDO QUE, EMBORA NÃO FOSSE A DESTINATÁRIA, HAVIA SIDO TOCADA POR UMA VERDADE ÍNTIMA. NO FIM DA CARTA, APENAS UMA INICIAL: “L.”. EM VEZ DE IGNORAR O EQUÍVOCO, ELA DECIDIU RESPONDER. ESCREVEU EM PAPEL CREME, COM A CANETA QUE GUARDAVA PARA OCASIÕES ESPECIAIS, E COMEÇOU ASSIM: “TALVEZ ESTA CARTA NÃO SEJA PARA MIM, MAS HOJE SUAS PALAVRAS ENCONTRARAM UM LUGAR PARA FICAR”. COLOCOU O ENVELOPE NA MESMA CAIXA DE CORREIO, ENDEREÇADO APENAS A L., COMO SE CONFIASSE QUE O DESTINO SABERIA O CAMINHO.

ALGUNS DIAS DEPOIS, UMA NOVA CARTA APARECEU. DESTA VEZ, COM SEU NOME COMPLETO, ESCRITO COM FIRMEZA: “PARA CLARA, QUE RESPONDEU O ACASO.” L. CONTAVA QUE HAVIA ESCRITO A PRIMEIRA CARTA PARA NINGUÉM EM PARTICULAR, APENAS PARA ALIVIAR O PESO DA SOLIDÃO. NÃO ESPERAVA RESPOSTA, MUITO MENOS DE ALGUÉM QUE MORAVA NO MESMO PRÉDIO, DUAS ANDARES ACIMA. ELE DESCREVEU O SOM DOS PASSOS NO CORREDOR, O ECO DAS CHAVES NA PORTA, E COMO IMAGINAVA HISTÓRIAS PARA CADA VIZINHO QUE PASSAVA. AGORA, PORÉM, ELE TINHA UM NOME, UMA PRESENÇA REAL DO OUTRO LADO DAS PAREDES.

ASSIM COMEÇOU UM DIÁLOGO
SILENCIOSO, FEITO DE PAPÉIS DOBRADOS
COM CUIDADO E DEIXADOS
DISCRETAMENTE NA CAIXA DE CORREIO.
ELES COMBINARAM, SEM NUNCA DIZER
DIRETAMENTE, QUE NÃO SE VERIAM
PESSOALMENTE. QUERIAM QUE AS
CARTAS FOSSEM UM LUGAR SEGURO,
ONDE PUDESSEM SER INTEIROS SEM O
PESO DOS OLHARES. CLARA FALAVA DE
SEUS MEDOS ANTIGOS, DA SENSÇÃO DE
ESTAR SEMPRE ATRASADA PARA A
PRÓPRIA VIDA, DOS LIVROS QUE LIA PELA
METADE E DAS MÚSICAS QUE A FAZIAM
CHORAR SEM MOTIVO. L. RESPONDIA COM
HISTÓRIAS DE INFÂNCIA, DE UM AMOR
QUE NÃO DEU CERTO, DE NOITES EM
CLARO TENTANDO ENCONTRAR SENTIDO
NAS PEQUENAS COISAS.

COM O TEMPO, AS CARTAS FICARAM MAIS LONGAS, MAIS ÍNTIMAS. ELES COMEÇARAM A CRIAR RITUAIS: ÀS SEGUNDAS-FEIRAS, TROCAVAM LEMBRANÇAS DE INFÂNCIA; ÀS QUARTAS, ESCREVIAM SOBRE ALGO QUE OS HAVIA FEITO SORRIR; AOS DOMINGOS, CONFESSAVAM SUAS SAUDADES. NÃO ERAM APENAS SAUDADES DO QUE VIVERAM, MAS DO QUE AINDA NÃO TINHAM VIVIDO. EM CADA ENVELOPE, HAVIA UM PEDAÇO DE CORAGEM, UM POUCO DE VULNERABILIDADE E A SENSÇÃO DE QUE, FINALMENTE, ALGUÉM OS ENXERGAVA ALÉM DAS APARÊNCIAS.

CLARA PASSOU A RECONHECER O SOM DO CARTEIRO COMO QUEM ESPERA UMA BOA NOTÍCIA. L. APRENDEU A MEDIR O TEMPO ENTRE UMA CARTA E OUTRA PELO RITMO DO PRÓPRIO CORAÇÃO. QUANDO UM DIA A CARTA DEMOROU MAIS DO QUE O HABITUAL, CLARA SENTIU UM APERTO NO PEITO, COMO SE O SILÊNCIO FOSSE UM AVISO. MAS, ENFIM, O ENVELOPE CHEGOU, UM POUCO AMASSADO, COM A CALIGRAFIA QUE ELA JÁ SABIA DE COR. DENTRO, L. CONFESSAVA O MEDO DE ESTRAGAR TUDO SE ELES SE ENCONTRASSEM. “E SE, AO NOS VERMOS, PERDERMOS A MAGIA QUE CONSTRUÍMOS NAS ENTRELINHAS?”, ELE ESCREVEU.

CLARA LEU AQUELAS PALAVRAS COM CUIDADO E, PELA PRIMEIRA VEZ, SENTIU QUE O QUE HAVIA ENTRE ELES ERA MAIOR DO QUE O MEDO. RESPONDEU COM FIRMEZA DOCE: “A MAGIA NÃO ESTÁ NO QUE NÃO VEMOS, MAS NO QUE ESCOLHEMOS SENTIR. EU JÁ TE VEJO EM CADA CARTA, EM CADA SILÊNCIO QUE VOCÊ PREENCHE COM SINCERIDADE. NÃO QUERO UM AMOR QUE EXISTA APENAS NO PAPEL. QUERO O SOM DA SUA VOZ DIZENDO O QUE JÁ LI MIL VEZES.”

DEPOIS DESSA CARTA, O SILÊNCIO
VOLTOU, MAS AGORA TINHA OUTRO
SABOR: O DE EXPECTATIVA. DIAS SE
PASSARAM SEM RESPOSTA. CLARA
COMEÇOU A DUVIDAR DA PRÓPRIA
CORAGEM, IMAGINANDO QUE TALVEZ
TIVESSE PEDIDO DEMAIS. ATÉ QUE, NUMA
TARDE CHUVOSA, ALGUÉM BATEU À SUA
PORTA. O CORAÇÃO DELA DISPAROU
ANTES MESMO QUE PUDESSE PENSAR. AO
ABRIR, ENCONTROU UM HOMEM COM UM
GUARDA-CHUVA FECHADO NA MÃO E UM
ENVELOPE NO BOLSO DA CAMISA. OS
OLHOS DELE ERAM EXATAMENTE COMO
ELA IMAGINARA: UM POUCO CANSADOS,
UM POUCO TÍMIDOS, MAS CHEIOS DE UMA
TERNURA QUE NÃO CABIA EM NENHUMA
LINHA ESCRITA.

ELE ESTENDEU O ENVELOPE, SEM DIZER NADA. CLARA O PEGOU, RECONHECENDO A LETRA DE L. NO SEU PRÓPRIO NOME. ABRIU ALI MESMO, COM AS MÃOS TRÊMULAS. A CARTA ERA CURTA, DIFERENTE DE TODAS AS OUTRAS: “QUERIDA CLARA, ESTA É A ÚLTIMA CARTA QUE TE ESCREVO SEM OLHAR NOS TEUS OLHOS. SE VOCÊ PERMITIR, A PARTIR DE HOJE, QUERO QUE NOSSAS PALAVRAS ENCONTREM TAMBÉM O CALOR DAS NOSSAS VOZES, O ABRAÇO DOS NOSSOS CORPOS E O SILÊNCIO CONFORTÁVEL DE QUEM NÃO PRECISA MAIS SE ESCONDER ATRÁS DO PAPEL. COM AMOR, L.”

CLARA LEVANTOU O OLHAR, E OS DOIS
SORRIRAM COMO QUEM FINALMENTE
CHEGA EM CASA DEPOIS DE UMA LONGA
VIAGEM. NÃO HOUVE DISCURSOS
GRANDIOSOS, APENAS A SIMPLICIDADE DE
DOIS CORAÇÕES QUE SE
RECONHECERAM PRIMEIRO NAS LETRAS E,
DEPOIS, NA PRESENÇA. O CORREDOR
ESTREITO DO PRÉDIO SE TRANSFORMOU
EM CENÁRIO DE UM COMEÇO: UM
ABRAÇO TÍMIDO, UM RISO NERVOSO, A
DESCOBERTA DE QUE O CHEIRO DO
OUTRO ERA AINDA MELHOR DO QUE O
IMAGINADO.

COM O TEMPO, AS CARTAS NÃO
DESAPARECERAM. PELO CONTRÁRIO,
TORNARAM-SE PARTE DA ROTINA DELES.
MESMO MORANDO LADO A LADO,
CONTINUARAM A ESCREVER UM PARA O
OUTRO EM DIAS ESPECIAIS, OU QUANDO
AS PALAVRAS CUSTAVAM A SAIR EM VOZ
ALTA. GUARDAVAM OS ENVELOPES EM
UMA CAIXA DE MADEIRA, COMO QUEM
COLECIONA PROVAS DE QUE O AMOR
PODE NASCER DO ACASO, CRESCER NA
DISTÂNCIA DE ALGUNS ANDARES E
FLORESCER NO ENCONTRO DE DUAS
MÃOS QUE FINALMENTE SE TOCAM.

ANOS DEPOIS, QUANDO ALGUÉM
PERGUNTAVA COMO ELES SE
CONHECERAM, CLARA E L. TROCAVAM UM
OLHAR CÚMPLICE ANTES DE RESPONDER.
ÀS VEZES, DIZIAM APENAS: “FOI POR
CARTA”. OUTRAS VEZES, CONTAVAM A
HISTÓRIA INTEIRA, COM TODOS OS
DETALHES, COMO QUEM RELÊ UM
CAPÍTULO FAVORITO. MAS, EM TODAS AS
VERSÕES, HAVIA UMA CERTEZA: ALGUMAS
HISTÓRIAS DE AMOR COMEÇAM QUANDO
ALGUÉM TEM CORAGEM DE RESPONDER
AQUILO QUE, APARENTEMENTE, NÃO ERA
PARA SI. E, AO FAZER ISSO, DESCOBRE
QUE O DESTINO, ÀS VEZES, ESCRIVE COM
A MESMA LETRA TRÊMULA DE UMA CARTA
ESQUECIDA NA CAIXA DE CORREIO.



Clique e Compre Ebooks

CONTINUE
COMPRANDO

